

# *The last bus*

MARK STRAND

*It is dark.  
A slight rain  
dampens the streets.  
Nothing moves*

*in Lota's park.  
The palms hang  
over the matted grass,  
and the voluminous bushes,*

*bundled in sheets,  
billow beside the walks.  
The world is out of reach.  
The ghosts of bathers rise*

*slowly out of the surf and turn  
high in the spray.  
They walk on the beach  
and their eyes burn*

*like stars.  
And Rio sleeps:  
the sea is a dream  
in which it dies and is reborn.*

*The bus speeds.  
A violet cloud  
unravels in its wake.  
My legs begin to shake.*

*My lungs fill up with steam.  
Sweat covers my face  
and falls to my chest.  
My neck and shoulders ache.*

*Not even sure  
that I am awake,  
I grip the hot  
edge of the seat.*

*The driver smiles.  
His pants are rolled above his knees  
and his bare calves  
gleam in the heat.*

# O último ônibus

TRADUÇÃO DE *ALBERTO ALEXANDRE MARTINS*

Tudo escuro.  
Uma leve chuva  
amortece as ruas.  
Nada se move

no parque de Lota.  
As palmeiras pairam  
sobre a grama em emaranhada,  
e os densos arbustos,

trapos à deriva,  
ondulam junto às calçadas.  
O mundo fora de alcance.  
Espectros de banhistas surgem

lentamente da arrebentação e rodam  
bêbados na bruma.  
Andam na praia,  
seus olhos ardem

como estrelas.  
E o Rio dorme:  
o mar é um sonho  
no qual morre, renasce.

O ônibus acelera.  
Uma nuvem violeta  
se desprende no seu rastro.  
Minhas pernas tremem.

Meus pulmões cheios de fumaça.  
O suor cobre meu rosto  
e escorre pelo peito.  
Dor nos ombros e no pescoço.

Não estou seguro  
de estar desperto,  
agarro o aro quente  
do assento.

O motorista sorri.  
As calças enroladas acima dos joelhos,  
suas pernas brilham  
no calor.

*A woman tries to comfort me.  
She puts her hand under my shirt  
and writes the names of flowers  
on my back.*

*Her skirt is black.  
She has a tiny skull  
and crossbones on each knee.  
There is a garden in her eyes*

*where rows of dull,  
white tombstones crowd the air  
and people stand,  
waving goodbye.*

*I have the feeling I am there.  
She whispers through her teeth  
and puts her lips  
against my cheek.*

*The driver turns.  
His eyes are closed  
and he is combing back his hair.  
He tells me to be brave.*

*I feel my heartbeat  
growing fainter as he speaks.  
The woman kisses me again.  
Her jaw creaks*

*and her breath clings  
to my neck like mist.  
I turn to the window's  
cracked pane*

*streaked with rain.  
Where have I been?  
I look toward Rio –  
nothing is the same.*

*The Christ who stood  
in a pool of electric light  
high on his hill  
is out of sight.*

*And the bay is black.  
And the black city  
sinks into its grave.  
And I shall never come back.*

Rio de Janeiro, 1966

Uma mulher tenta me consolar.  
Desliza a mão sob minha camisa  
e escreve os nomes das flores  
nas minhas costas.

Sua saia é preta.  
Nos joelhos tem uma pequena caveira  
e dois ossinhos em cruz.  
Há um jardim em seus olhos

no qual monótonas fileiras  
de brancas lápides entulham o ar  
e pessoas acenam,  
dando adeus.

Tenho a sensação de estar lá.  
Ela sussurra por entre os dentes  
e encosta os lábios  
no meu rosto.

O motorista se volta.  
De olhos fechados, está penteando  
os cabelos para trás.  
Ele me diz para ser forte.

Meu pulso – sinto – vai  
caindo à medida que fala.  
A mulher me beija outra vez.  
Sua boca estala

e seu hálito ronda  
minha nuca como névoa.  
Viro-me para o vidro  
roto da janela

riscado de chuva.  
Onde estive?  
Olho o Rio –  
nada está igual.

O Cristo  
numa poça de holofotes  
no alto do morro  
agora sumiu da vista.

E a baía está escura.  
E a escura cidade  
afunda em sua cova.  
E eu nunca estarei de volta.

Rio de Janeiro, 1966